

# AS PRÁTICAS PARENTAIS COMO PRODUTORAS DE ADOECIMENTO MENTAL NA INFÂNCIA: O COMPORTAMENTO DAS CRIANÇAS COM BAIXO REPERTÓRIO DE HABILIDADES DE VIDA.

Maria Paula Cavalcanti Carvalho<sup>1</sup>  
Sirlene Vieira de Souza<sup>2</sup>

## RESUMO

Este estudo é originado a partir de um projeto de Iniciação Científica de uma revisão do estado da arte realizado na base de dados PEPSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia) entre os anos 2019-2020 com artigos selecionados no recorte de tempo entre 2014 ao primeiro semestre de 2019. Como objetivo geral, esta pesquisa identificou por meio do estado da arte as práticas parentais como determinantes do repertório de habilidades de vida nas crianças. Com a triagem dos artigos foi possível encontrar um total de 97, onde 9 dos mesmos foram escolhidos para a análise de conteúdo inspirada em Bardin (2011). Esta pesquisa tomou como unidade de registro *habilidades* e como categorias de análise (1) *práticas parentais*; (2) *comportamento da criança*. Como resultados para a discussão deste estudo, entendeu-se que as práticas parentais permissivas, autoritárias e negligentes são responsáveis por comprometer o repertório de habilidades de vida nas crianças e que o comportamento das mesmas aliado a um contexto familiar empobrecido de atitudes parentais assertivas como as do estilo autoritativo ou disciplina positiva provoca problemas diversos na vida das crianças. Depreende-se que os cuidadores parentais têm exercido a parentalidade de forma ineficaz para o desenvolvimento do bem-estar da criança, e assim o cérebro infantil não recebe os estímulos necessários para prosperar, culminando em estados emocionais adversos onde a escola ainda é o lugar que contribui para o não desaparecimento das infâncias ao procurar regar habilidades de vida nas crianças.

**Palavras-chave:** Disciplina positiva, Habilidades de vida, Comportamento da criança, Práticas parentais, Contexto escolar.

## INTRODUÇÃO

A parentalidade requisita adultos implicados no processo de educar, onde engajamento e assertividade são pontos-chave para garantir bons resultados na relação com os filhos. Ao falar sobre parentalidade, Cartaxo (2016) elucida que o sonho de infância de ser herói é possível quando os adultos se tornam pais, concomitante, heróis

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade de Pernambuco-UPE, [mariiapaula18carvalho@hotmail.com](mailto:mariiapaula18carvalho@hotmail.com).

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL e professora assistente do curso de Pedagogia da Universidade de Pernambuco-UPE, [sirlene.vieira@upe.br](mailto:sirlene.vieira@upe.br).

num mundo pequeno e único, e nesse novo cenário são convocados a desenvolverem habilidades incríveis, onde a participação na vida dos filhos exige estar atento e pronto para intervir todo o tempo, seja pela segurança, proteção ou como modelo moral. Esses heróis, por sua vez mesmo com suas fraquezas e limitações são capazes de transformar uma realidade quando passam a fazer diferente e diferença na vida do seu filho, mesmo carregando falhas, frustrações e culpas, a coragem, sabedoria e esforço colocam como autores no processo de educar.

Sabe-se que a autoestima da criança é constituída pelos estímulos do meio em que elas estão inseridas e o comportamento dos adultos de referência para as mesmas impacta diretamente na concepção que a criança constrói de si própria e do mundo. Cartaxo (2016) destaca que os rótulos são destrutivos de relações entre pais e filhos, devendo o adulto acolher a personalidade do seu filho para que ele desempenhe seu “eu” com liberdade de ser quem ele é. A autora ainda afirma que os estereótipos inibem as habilidades que podem ser desenvolvidas na infância, visto que é uma fase de formação de identidade, e os rótulos prejudicam o processo de crescimento pessoal.

Há diferentes tipos de pais e/ou cuidadores parentais, e cada estilo é responsável por desencadear na criança modos de vida particulares bem como inscreve nelas uma bagagem emocional e comportamental específica. De acordo com Cartaxo (2016) existem pais passivos que são aqueles que compreendem os desejos dos filhos e por acharem que estão fazendo o melhor o “não” é tomado como uma punição até para eles; os pais autoritários apresentam medo de perder o controle sobre o filho, e por isso impõem e controlam através do poder, enquanto os pais assertivos integram o comportamento direto, honesto e que envolve o autorrespeito e o respeito com o outro, colaborando para o filho tornar-se independente e seguro.

Antes mesmo de educar uma criança e pensar sobre como deve comportar-se diante delas, é preciso que os pais entendam o cérebro do seu filho e suas eventuais necessidades para que saibam na sua rotina de educar como as experiências saudáveis junto aos filhos estão definitivamente ligadas ao bem-estar desse cérebro em desenvolvimento. Para Siegel e Bryson (2015) é recorrente que os cuidadores parentais não disponham de informações cruciais sobre o cérebro de seus filhos, principalmente nos campos que envolvem disciplina, escola, relacionamentos, dentre outros. Logo, o cérebro é responsável por quem somos e o que fazemos, sendo que é nas experiências ofertadas pelo ambiente que o cérebro se constitui, por isso debates na sociedade sobre a criação de

filhos pode contribuir para torná-los mais fortes e resilientes, pois pode aumentar o conhecimento dos pais sobre a parentalidade.

A presente pesquisa surge pela implicação das pesquisadoras com as crianças e as habilidades de vida necessárias ao bem-estar na infância, sabendo-se que a parentalidade quando adota caminhos saudáveis é responsável por cultivar saúde mental na infância, ao contrário, estilos parentais como permissivos, negligentes e autoritários produzem infâncias marcadas por ansiedade, depressão, dentre outros problemas de saúde mental que comprometem o desenvolvimento infantil. O mesmo estudo se lança no desafio de responder o seguinte problema: de que forma os estilos parentais comprometem o repertório de habilidades de vida nas crianças?

Como objetivo geral este estudo identificou por meio do estado da arte as práticas parentais como determinantes do repertório de habilidades de vida nas crianças. Como objetivos específicos: analisou as práticas parentais como determinantes do adoecimento mental na infância; relacionou o comportamento da criança com o repertório de habilidades de vida; refletiu o espaço escolar e sua implicação com as habilidades de vida na infância.

Como hipótese deste estudo acredita-se que serão desveladas as práticas parentais que fazem emergir cenários de problemas de saúde mental nas crianças, levando a um repertório escasso de habilidade de vida na infância.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho é um recorte do projeto de iniciação científica: *Família e escola numa ação que não pode parar: ressonâncias do “regar” habilidades de vida para o bem-estar das crianças sob à óptica da revisão sistemática*. O mesmo foi aprovado e está vinculado por edital de pesquisa voluntária IC MULTICAMPI 2019-2020 da Universidade de Pernambuco – Campus Garanhuns. A pesquisa percorreu o estado da arte e investigou os artigos da base de dados, Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PEPSIC). O período da seleção de artigos foi realizado entre 27 de agosto até o dia 6 de setembro do ano de 2019, onde os trios de descritores foram: família, escola, criança; criança, escola, habilidades; criança, família, habilidades; escola, família, habilidades, encontraram 97 artigos.

Como critérios de inclusão de artigos adotou-se o recorte de tempo de publicação entre os anos de 2014 e o primeiro semestre de 2019, respeitando as temáticas que desvelavam nuances sobre a infância até 12 anos de idade e que estes sujeitos estivessem sob cenários em instituições familiares ou escolares. Foram descartados os artigos que não contemplavam os critérios de inclusão. Da primeira triagem foram encontrados 97 artigos e desses 27 trabalhos foram selecionados para sua leitura na íntegra, e por fim apenas 9 dos mesmos permaneceram para a discussão deste estudo

Para a discussão dos resultados caminhou-se pela análise de conteúdo de Laurence Bardin, havendo a categorização de temáticas que tomam a cena central desta pesquisa, e isso foi realizado de modo organizado em categorias de análise. Segundo Bardin (2011) a análise de conteúdo elenca uma arquitetura de instrumentos incessantemente aperfeiçoada que contempla conteúdos e continentes variados, tendo como principais etapas: categorização, interpretação e informatização. A unidade de registro deste estudo é *habilidades*, e como categorias de análise (1) *práticas parentais*; (2) *comportamento da criança*.

No quadro abaixo serão elencados os principais temas e/ou recortes que foram encontrados nos artigos selecionados para este estudo.

Quadro 1. Principais temas por ano (entre 2014 e o primeiro semestre de 2019)

Ano	Temas
2014	Parentalidade, envolvimento parental, repertório de habilidades dos pais.
2015	Interconectividade entre família e escola, transição ecológica na infância, resiliência e vulnerabilidades, cuidados parentais, comportamento dos pais.
2016	Autoconceito e autocontrole da criança, implicações no fracasso escolar e na aprendizagem, desvalorização do brincar pelos pais, satisfação com a vida e bem-estar subjetivo na criança, promoção de habilidades, família.
2017	Família e psiquismo da criança, escola e assistencialismo, escuta, validação e atenção dos pais, presença dos pais e adaptação das crianças na vida adulta.
2018	A presença do pai, desvalorização do brincar por parte dos pais, banalização da aprendizagem do pai e desvalorização da

	aprendizagem pela criança, dificuldades de aprendizagem, problemas internalizantes e externalizantes na criança.
1º semestre de 2019	Práticas parentais positivas, grupos reflexivos para pais, modificação dos papéis no contexto familiar, reflexões sobre a infância dos pais.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### ESTILOS PARENTAIS E DISCIPLINA POSITIVA

Os estilos e práticas parentais são definidos como estratégias adotadas pelos adultos para disciplinar os filhos, englobando uma gama de comportamentos e atitudes dos pais que estruturam o que chama-se de clima na relação entre cuidadores parentais e filhos. Esse clima compreende expressão corporal, tom de voz, bom ou mau – humor, logo a responsividade (afeto, envolvimento) e a exigência (regras e limites) que são a mola propulsora que definem o tipo de estilo parental de cada adulto, (WEBER, 2017).

Quanto aos estilos parentais há quatro tipos entre eles: permissivo (muito afeto e pouco limite), autoritário (pouco afeto e muito limite), negligente (pouco afeto e pouco limite) e autoritativo/participativo/disciplina positiva (equilíbrio entre afeto e limite), este último é o precursor de relações de bem-estar entre pais e filhos, (WEBER, 2017), (CARTAXO, 2016), (NELSEN, 2007).

A disciplina positiva integra uma educação onde tem como bases firmeza e gentileza, e assim os vínculos entre pais e filhos é promotor de bem-estar, e as crianças demonstram independência e autoestima elevada, logo os pilares da disciplina positiva são imprescindíveis para uma parentalidade bem construída, (SANTOS, 2018).

Primeiramente pode-se destacar como uma das características cruciais da disciplina positiva a empatia, e assim ao pensar num bebê de três anos sabe-se que os sentidos deste como ainda estão em desenvolvimento são pura emoção, e quando ele sente fome ou frio é pela via do choro que ele se expressa, porque ainda não tem a capacidade de antecipar que a ação do adulto lhe trará comida. Os bebês são como fábricas de emoções: choram, gritam, dentre outros comportamentos que demanda que o adulto atente-se para o desenvolvimento de uma criança e suas limitações, entendendo que isso não é intencional por parte da mesma, e assim é preciso que esse cuidador parental adote uma postura de empatia para acolher o bebê nessas situações, (SANTOS, 2018).

A disciplina positiva afirma que a empatia deve ser instaurada por toda a vida durante a criação dos filhos. Tudo o que é regado na infância contribuirá para que o futuro adolescente não desenvolva comportamentos destrutivos, pois terá a bagagem necessária de estímulos que os seus pais lhes ofertaram desde a infância, e essa conexão perdurará se for sempre mantida pelos adultos, produzindo um vínculo pautado no respeito mútuo, (SANTOS, 2018).

A disciplina positiva é considerada um modelo de educação onde a criança tem suas emoções validadas, sente-se amada e importante para seus pais, e assim são tecidos em seu cotidiano sentimentos que a leva a sentir-se pertencente e acolhida no seu contexto ecológico familiar, logo esses aspectos desmontam possíveis maus comportamentos das crianças no futuro, (SANTOS, 2018).

O amor incondicional na criação dos filhos inclui separar a criança do seu comportamento, evitando fazer comparações dela com outras, e ainda destaca-se que mesmo quando um determinado comportamento da criança desagrade o adulto, ele deve continuar amando a mesma independente de qualquer circunstância. Esse amor vai além de atitudes de afeto dos adultos, convocando os cuidadores parentais a deixar claro que os comportamentos e sentimentos das crianças não vão colocar riscos nesse amor, (WEBER, 2017).

A parentalidade associada à disciplina positiva envolve também que os adultos façam elogios a seus filhos, podendo através desses elogios gerar um reforço dos bons comportamentos. Os cuidadores parentais ao perceberem os acertos e as coisas boas que as crianças fazem e ao explicitá-los no dia a dia, contribui para que seus filhos internalizem que o que estão fazendo tem valor e passam a se sentir queridos e amados, (WEBER, 2017).

Como foi visto até aqui, a parentalidade não convoca adultos perfeitos, mas pelo o contrário lhes impulsiona a colocar em prática habilidades para que a educação positiva seja via de possibilidade para criar infâncias para o bem-estar.

## HABILIDADES DE VIDA NA INFÂNCIA E O CONTEXTO ESCOLAR

A infância possui nuances de um cérebro em desenvolvimento que necessita de estímulos da família e escola que ao se implicar em regar recursos psicológicos para as crianças enfrentar os diferentes desafios do dia a dia favorece na edificação de habilidades de vida. A Organização Mundial de Saúde (OMS) disponibiliza programas de habilidades de vida para crianças e adolescentes, convocando-os a adquirirem capacidades emocionais e cognitivas que poderão lhes auxiliar em meio a vicissitudes, (MINTO ET AL, 2006). Há variados tipos de habilidades de vida que são: pensar decisões, resolução de problemas, pensamento criativo e crítico, comunicação eficaz, relacionamento interpessoal, autoconhecimento, empatia, gerenciamento de emoções, (GORAYEB, 2002).

A escola e a família são instituições responsáveis por inserir as crianças no campo das habilidades de vida, logo são os contextos que as crianças criam suas referências de vida que podem ser os próprios pais e/ou cuidadores parentais ou professores. A escola por sua vez procura ampliar o repertório de habilidades das crianças, mas a família deve estar sempre em contato com o espaço escolar para que haja uma adaptação efetiva dos pequenos com sua escola. Esse processo requisita a participação dos pais que na maioria das vezes não exercem a parentalidade para promover a transição da criança para a escola, (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005).

Quando a parentalidade é ausente, há muitos impactos na aprendizagem escolar das crianças. A escola, no entanto, confere às crianças novos relacionamentos interpessoais e autonomia no seu desenvolvimento. A partir disso a criança em seu processo de autoria no mundo constrói seu próprio conhecimento, pelas nuances experienciadas na família e na escola. Nota-se que o espaço escolar por ter grande influência na infância e precisa incluir no seu currículo as necessidades educacionais e emocionais. Os professores não podem se restringir a provas e conteúdos disciplinares, mas ter uma Práxis de trabalhar para o desenvolvimento integral do público infantil, (RODRIGUES; CARVALHO; MELO, 2021).

As escolas ao trabalhar com as competências socioemocionais (criatividade, autoestima, felicidade, paciência, empatia, ética) regam inúmeras habilidades na vida nas crianças, contribuindo para o processo de aprendizagem e na potencialização de relações interpessoais na infância. No entanto, um sério problema que está acontecendo com a escola é a sobrecarga de trabalho, porque

há muitas famílias que relegam suas atribuições com seus filhos, e a escola é lançada a ser assistencialista quando essa não é sua função ou até mesmo enfrentam desafios que realmente só cabem ao contexto familiar, (RODRIGUES; CARVALHO; MELO, 2021).

Considerando-se o que foi abordado até aqui, este estudo procurou identificar por meio do estado da arte as práticas parentais como determinantes do repertório de habilidades de vida nas crianças.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### PRÁTICAS PARENTAIS

A parentalidade requer que os adultos invistam em habilidades próprias, e entre elas pode-se citar as sete percepções e habilidades significativas propostas pela disciplina positiva. Nelsen (2016) ao se referir aos adultos aponta a importância de 1. A percepção das habilidades pessoais, 2. A percepção sobre sua importância nas relações primárias, 3. A percepção de seu poder ou influência pessoal sobre a própria vida, 4. A habilidade intrapessoal para estimular autodisciplina e autocontrole, 5. A habilidade interpessoal para a comunicação, cooperação, negociação, troca, empatia e escuta ativa, 6. A habilidade sistêmica para desenvolver a responsabilidade, adaptabilidade, flexibilidade e integridade, 7. A habilidade de avaliação para avaliar as situações de acordo com valores apropriados.

Quando os adultos possuem suas próprias habilidades desenvolvidas a criança se desenvolve de forma saudável nos contextos pessoal, emocional e físico, bem como a sua aprendizagem é maximizada. Assim:

Diante do exposto fica comprovado que o pai é um pilar muito importante no desenvolvimento de qualquer criança, e que para que seu desenvolvimento seja saudável, se faz necessário sua participação ativa nas obrigações escolares do filho, no ato de brincar, na leitura de um livro ou na contação de histórias. Nesse sentido a criança percebendo essa presença, se sentirá mais amada e confiante para enfrentar os conflitos do dia-a-dia. Nesse contexto pode-se entender que a presença paterna favorece a psicodinâmica e o aprendizado na medida em que a presença interna significa uma presença psicológica e não meramente física, (KLUMPP; SILVA, 2018, p. 42).

A disciplina positiva propõe os quatro passos para a cooperação que de acordo com Nelsen (2016) são os seguintes: 1. Demonstrar compreensão pelos sentimentos da criança, 2. Ter empatia sem mostrar concordância, compreendendo a percepção da

criança, 3. Falar sobre seus sentimentos e percepções, pois se os passos anteriores forem feitos adequadamente a criança também irá ouvir o adulto, 4. Sugerir para a criança pensar em uma solução e questionar sobre o que ela faria no futuro para evitar determinado problema, podendo-se oferecer sugestões, caso a criança não apresente alguma.

Esses passos da cooperação podem ajudar os adultos a validar os sentimentos das crianças, bem como podem ajudar com que elas se encorajem a partilhar suas emoções, pois passam a entender que estão numa relação de respeito e confiança. Logo:

A variável “Meus pais me escutam e leva em conta o que eu falo” é a variável com maior capacidade preditiva. Crianças que são escutadas e consideradas em suas opiniões pelos seus cuidadores, possivelmente sentem-se acolhidas, validadas, respeitadas e fonte de atenção pelos seus pais, (SCHUTZ; BORTOLINI; SARRIERA; 2016, p. 560).

Quando se fala em parentalidade é comum que muitos cuidadores parentais não saibam como começar para regar a disciplina positiva em seu fazer. Nelsen (2016) destaca as principais características que devem ser estimuladas pelos cuidadores parentais nessa relação adulto-criança que são: autoconceito positivo, responsabilidade, autodisciplina, cooperação, mente aberta, habilidade de pensar objetivamente, respeito por si mesmo e pelos outros, compaixão, aceitação de si mesmo e dos outros, entusiasmo pela vida, interesse em aprender, cortesia, honestidade, autocontrole, paciência, senso de humor, preocupação com os outros, habilidade de resolução de problemas, sabedoria interior, integridade.

Os cuidadores parentais costumam colocar toda a responsabilidade na criação dos filhos na instituição escolar, e assim, desconsideram as inúmeras possibilidades que podem ter para contribuir na educação das crianças. Então,

Pode-se verificar que através de todo o discurso das mães, a centralização do desenvolvimento de seus filhos perpassa a importância da escola e a concepção de que os pais não são tão capazes quanto a escola no que diz respeito às necessidades dos filhos. Uma das justificativas para tal situação é de que as mães não possuem o conhecimento necessário para educar seus filhos, ao contrário da escola, que também seria a sede do conhecimento necessário para o exercício de tal função, (MAINARDI; OKAMOTO, 2017, p. 834).

A partir disso, entende-se que para que se instaure uma conexão saudável entre criança e adulto, é preciso que o cuidador parental trabalhe para o autoconhecimento de suas práticas parentais e utilize das habilidades propostas pela disciplina positiva para também conseguir regar habilidades na infância de seus filhos.

## COMPORTAMENTO DA CRIANÇA

Os comportamentos da criança externalizam o que muitas vezes ela não sabe colocar em palavras para o seu cuidador parental, e é a partir disso que é possível compreender o que a subjetividade da criança está querendo comunicar. Nelsen(2016) destaca que a criança não está consciente de sua mensagem cifrada, no entanto se sentirá acolhida quando o adulto passa a lidar com sua crença escondida, ao invés de punir seu comportamento. É importante que o adulto enxergue a criança que está atrás daquele comportamento inadequado, sabendo que ela é um indivíduo que quer ser aceita e às vezes não sabe dirigir tal comportamento de forma mais sociável. É importante que o adulto investigue se o seu comportamento está suscitando na criança o sentimento de que ela não é totalmente aceita.

No relato a seguir nota-se que a criança tem um comportamento que precisa levar em conta o seu contexto familiar, e ao invés de rótulos a criança precisa ter suas necessidades notadas.

Outra questão citada pelos pais é a inadequação da menina em espaços públicos: apontaram que ela não consegue se comportar na igreja – se levanta a todo o momento, precisa ir ao banheiro com frequência -; quer brincar apenas com adultos e, segundo os pais, não possui limites em suas brincadeiras; e, principalmente, que é muito fixada em tecnologia. Júlia não possui televisão, videogame ou computador em casa e, quando vê, quer brincar até enjoar e isso leva muito tempo, fazendo com que ela acabe abandonando outros tipos de brincadeiras, ou não queira mais fazer outra coisa, (OSTI e SEI, 2016, p. 152).

A criança se comporta de determinada forma porque muitas vezes a intenção dela é agradar o adulto nem que isso seja prejudicial para ela. Nelsen (2016) elucida que o comportamento está implicado em ser aceita pelo contexto social e as crianças não têm ideia dos objetivos que querem alcançar ou acontece delas pensarem que se comportarem de tal forma conseguirão o que querem quando na realidade acontece o contrário, fazendo disso um ciclo vicioso. O adulto inclusive precisa entender que a raiva e o aborrecimento em relação ao comportamento da criança repercutirão para que ela fique mais irritada ainda, porque o seu objetivo é ser aceita.

Percebe-se na descrição abaixo que Júlia é uma menina que sofre emocionalmente pelas privações e inúmeras limitações que seus pais lhes confere. Isso faz com que ela apresente grande dificuldade nas habilidades de relacionamentos interpessoais.

Quando questionada a respeito de seus amigos, Júlia afirmava que não os possuía, mas que gostaria de tê-los. Dizia que na escola, seus colegas a consideram uma criança chata e nunca podia ir a festas de aniversário ou brincar na casa dos colegas, pois os pais não deixavam. Da mesma forma, poucos eram os amigos que iam até sua casa, restringindo seu contato apenas com os poucos primos de sua idade, (OSTI e SEI, 2016, p. 154).

Sobre o comportamento da criança é imprescindível que os adultos compreendam que há aspectos genéticos e aprendidos que operam nesse comportamento. Weber (2018) afirma que é preciso que o adulto saiba o quanto de genética e de aprendizagem determinado comportamento do seu filho engloba, sabendo que há uma grande interação entre hereditariedade e ambiente para que haja eficácia nas práticas educativas.

No caso relatado abaixo, Felipe é uma criança que os seus pais não cultivam momentos de aprendizagem juntos nem mesmo sequer se importam com isso, e dessa forma a criança passa também a negligenciar a aprendizagem.

É importante ressaltar que, no decorrer das sessões de atendimento psicopedagógico, pôde ser percebido que Felipe ficava nervoso quando chegava à sala e via folhas tipo sulfite em cima da mesa ou algo que não fosse brinquedo. Essa atitude fez com que se observasse mais atentamente seu comportamento diante dos materiais escolares. O nervosismo apresentado por Felipe quando não via jogos ou brinquedos dispostos na mesa evidencia a negação à aprendizagem, (KLUMPP; SILVA, 2018, p. 43).

O adulto precisa olhar para o comportamento das crianças de forma a procurar desenvolver nelas habilidades sociais e de vida, ao invés de julgamentos é crucial que o cuidador parental entenda as limitações do cérebro da criança e saiba que muitas vezes não é a birra que está atuando, mas um cérebro que ainda não conhece muito do mundo nem das relações sociais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo que foi fruto de um projeto de iniciação científica, depreende-se a partir da amostra de artigos coletados que os cuidadores parentais em sua grande maioria não adotam os princípios básicos da disciplina positiva, e com isso as práticas parentais têm se mostrado negligentes, permissivas e autoritárias, provocando muitos adoecimentos mentais nas crianças que a partir de comportamentos inadequados reafirmam um contexto familiar extremamente adoecido. Nota-se que muitas vezes há inexistência de estímulo às habilidades vida na infância por parte dos adultos. A escola por sua vez, ainda é o espaço que promove muitas habilidades na infância, dentre elas, as habilidades socioemocionais, sendo o contexto

social que tem lutado pelo o não desaparecimento da infância, no que inclui suas possibilidades de ser criança e seu bem-estar.

## REFERÊNCIAS

CARTAXO, Vanina de Andrade Bezerra. **Operação pais sempre.** Uma missão que não pode parar. Novo Hamburgo, RS: Sinopsys, 2016.

GORAYEB, Ricardo. **O ensino de habilidades de vida em escolas no Brasil.** Psicologia, saúde e doenças, Ribeirão Preto, 3 (2), 213-217, 2002.

KLUMPP, Carolina Ferreira Barros.; SILVA, Rosangela Nazareno da. **A importância da figura paterna para o processo de aprendizagem.** VINCULO – Revista do NESME, vol. 15, n.1, p.37-47, 2018.

MAINARDI, Sabrina Magossi.; OKAMOTO, Mary Yoko. **Desenvolvimento das crianças:** um olhar sobre o papel da família e o papel da escola na perspectiva dos pais. Psicol. Ver, Belo Horizonte, vol. 23, n.3, p. 822-839, 2017

NELSEN, J. **Disciplina positiva.** O guia clássico para pais e professores que desejam ajudar as crianças a desenvolver autodisciplina, responsabilidade, cooperação e habilidades para resolver problemas. Edição digital. 2016

MINTO, E. C.; ET AL. **Ensino de habilidades de vida na escola:** uma experiência com adolescentes. Psicologia em estudo, Maringá, vol.11, n.3, p. 561-568, 2006.

OSTI, Natália Monti Di.; SEI, Maíra Bonafé. **A importância da família na clínica infantil:** um ensaio teórico-clínico. Temas psicol, Londrina, vol.24, n.1, pp. 145-157, 2016.

SANTOS, M. C. S. **A disciplina positiva como alternativa aos outros modelos de educação.** 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), bacharelado em psicologia. Volta Redonda, 39p.

SCHUTZ, Fabiane Friedrich.; BORTOLINI, Marcela.; e SARRIERA, Jorge Castellá. **Satisfação de crianças com a vida:** as contribuições da família e da escola. Estud. pesqui. Psicol., Porto Alegre, vol. 16, n.2, pp. 549-567, 2016.

SIEGEL, Daniel J.; BRYSON, Tina Payne. **O cérebro da criança.** 12 estratégias revolucionárias para treinar o cérebro em desenvolvimento do seu filho.1.ed. São Paulo, SP: nVersos, 2015.

WEBER, Lidia Natalia Dobrianskyj. **Eduque com Carinho.** Equilíbrio entre amor e limites. 6. ed. rev.